

Gros, do Morgan Stanley, teme excesso de otimismo

Ex-presidente do BC diz que país está sujeito a choques externos e defende cumprimento do ajuste

Larissa Moraes

Da Agência O GLOBO

• O excesso de otimismo na economia brasileira é o que mais preocupa o ex-presidente do Banco Central e atual diretor-executivo do Morgan Stanley para a América Latina, Francisco Gros. Para ele, o Brasil só conseguiu aprovar as medidas do ajuste fiscal sob pressão. Por isso, Gros teme que — neste momento, em que o mercado tem a sensação de que o pior já passou — Executivo e Legislativo percam tempo com “discussões estéreis”.

— O país continua muito sujeito a choques externos. Não sei de onde a próxima crise virá, mas estou certo de que ela virá. O Brasil tem de correr contra o tempo — disse Gros, em palestra no Instituto Brasil-Europa, ontem.

Ele salientou que o país quase afundou com a crise da Rússia em 1998 e afirmou que, se não corrigir seu desequilíbrio fiscal, o país tende a sofrer mais no futuro. Hoje, a classificação de risco do Brasil é igual à da Rússia e pior que a da Argentina.

O executivo disse que ainda há forte desconfiança de empresas estrangeiras, sobretudo americanas, em relação ao Brasil. Nos últimos meses, salientou, as ações das empresas com investimentos na América Latina, como a Telefônica de Espanha, caíram muito. . .

Apesar de criticar o otimismo, o diretor do Morgan admitiu que o banco reviu, para melhor, quase todas as previsões que fizera para o Brasil em janeiro. A queda do PIB passou de 7,5% para 2,5%.

— Não me surpreenderia se a queda ficar em 2% — disse.

A cotação do dólar, que já foi estimada em R\$ 2,40, foi revista para R\$ 1,62. A inflação esperada pelo Morgan no ano caiu de 33% para 21%. Gros considera “conservadora” a projeção de 16,8% incluída no acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Para ele, o único item de difícil cumprimento é o superávit de US\$ 11 bilhões de superávit comercial:

— A demanda do mercado externo é pequena e os preços das commodities estão baixos. É difícil haver reação no curto prazo. Pode até ser que o Brasil consiga atingir este objetivo nos próximos 12 meses, de agora até março do ano 2000. Para este ano, é difícil.